

Aspiração por mobilidade residencial em grandes aglomerações: entre a mobilidade residencial e a mobilidade social

Aspiration for residential mobility in large urban agglomerations: between residential and social mobility

Aspiración a la movilidad residencial en las grandes aglomeraciones: entre la movilidad residencial y la movilidad social

Ednelson Mariano Dota
Universidade Federal do Espírito Santo
ednelson.dota@ufes.br

Isis do Mar Marques Martins
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
isis.marinha@gmail.com

Resumo

A presente proposta vislumbra elementos da mobilidade residencial analisadas a partir da ideia de aspiração e desejo de migrar. Entendendo que a aspiração pela migração é uma metodologia de compreensão dos processos de mobilidade pré-evento integradas aos fatores políticos, econômicos, culturais e sociais que, sob a diversidade das relações entre migrante, migração, decisão do projeto migratório e ação deste projeto existe uma complexidade cujas teorias muitas vezes não abarcam. Nossa base de análise está em pesquisa de campo na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), cujo objetivo é compreender as relações entre família, domicílio e mobilidade residencial nas regiões metropolitanas do Brasil. Os resultados aqui analisados apontam que as aspirações por mobilidade residencial poderiam ser interpretadas como aspiração por mobilidade social, o que expõe a relevância da mobilidade como estratégia de reprodução social nas grandes aglomerações urbanas.

Palavras-chave: Aspiração; Migração; Mobilidade residencial; Região metropolitana.

Abstract

This essay analyses residential mobility considering aspirations and desires to migrate. Considering the aspiration for migration as a methodology for grasping prevents before mobility, one must take into consideration that it is merged with political, economic,

cultural, and social factors. Thus, because of the diversity of relations between migrants and migration, the decision to migrate and the action itself, there are shades of meaning that theories often neglect. We use primary data from the Metropolitan Region of Vitória (MRV) to achieve this purpose. Our main goal is to understand the relationships between family, household, and residential mobility in the metropolitan regions of Brazil. The results show that aspirations for residential mobility could also be interpreted as aspirations for social mobility. This demonstrates the relevance of mobility as a strategy for social reproduction in large urban agglomerations.

Keywords: Aspiration; Migration; Residential mobility; Metropolitan region.

Resumen

Esta propuesta contempla elementos de movilidad residencial analizados desde la perspectiva de la aspiración y el deseo de migrar. Entendiendo que la aspiración a la migración es una metodología para comprender los procesos de movilidad preventivo integrados con factores políticos, económicos, culturales y sociales que, bajo la diversidad de relaciones entre migrante, migración, decisión del proyecto migratorio y acción de este proyecto, existen una complejidad cuyas teorías muchas veces no abarcan. Nuestro análisis se basa en una investigación de campo en la Región Metropolitana de la Gran Vitória (RMGV), cuyo objetivo es comprender las relaciones entre familia, hogar y movilidad residencial en las regiones metropolitanas de Brasil. Los resultados aquí analizados indican que las aspiraciones de movilidad residencial podrían interpretarse como aspiraciones de movilidad social, lo que expone la relevancia de la movilidad como estrategia de reproducción social en las grandes aglomeraciones urbanas.

Palabras clave: Aspiración; Migración; Movilidad residencial; Región Metropolitana.

Introdução

Os movimentos da população pelo espaço possuem considerável representatividade para as transformações estruturais vivenciadas pela sociedade nas mais diversas escalas de análise. Historicamente, estiveram na base do processo de urbanização, de expansão urbana das grandes e médias cidades e atualmente desempenham papel central na expansão e nos resultados espaciais em termos de segregação e das desigualdades sociais e territoriais nas grandes aglomerações urbanas.

A migração e a mobilidade residencial, contudo, geralmente são analisadas como eventos, após sua ocorrência, a partir da diferenciação da população que fez o movimento, os migrantes, e dos que não fizeram. Há poucos estudos, sobretudo no contexto brasileiro, acerca das aspirações pela migração e mobilidade residencial, das intensões e desejos relacionados ao movimento.

Trabalhos como de Carling e Collins (2018), Carling e Mjelva (2021) e De Haas (2010) defendem que a perspectiva das aspirações pela migração capta o impacto presente de um possível evento futuro. Uma questão importante no entendimento dos processos migratórios é que surgem dualidades no decorrer da análise que frequentemente tendem a opor um fato a outro sem relacioná-los, sejam na escala funcionalista-subjetiva ou estruturalista-coletiva. De Haas (2010) e Carling e Collins (2018) apontam que as mobilidades contemporâneas refletem uma complexidade e interação de processos, além das dubiedades de análise transpostas nos mesmos arranjos dos estudos migratórios

internacionais. Portanto política, economia, cultura e sociedade estão integradas a estas relações.

Considerando o potencial da análise das aspirações no contexto urbano brasileiro, o objetivo deste artigo é o de analisar como a aspiração pela mobilidade residencial está relacionada às características sociodemográficas e das condições habitacionais das famílias. Nossa hipótese é a de que as aspirações pela mobilidade residencial estejam ligadas às condições de vida e à perspectiva de melhora futura, sendo uma das manifestações da aspiração pela mobilidade social.

A mobilidade residencial nas grandes aglomerações urbanas se relaciona com as escalas da migração de média e longa distância, internas e internacionais. Partimos do pressuposto de que não existe uma causa imponderável para isso, mas sim um conjunto de relações sociais, econômicas, políticas e culturais que tem no domicílio o principal espaço para tomada de decisão (DE HAAS, 2010).

O segundo elemento que trataremos aqui é que essa questão possui implicação e reflexo na dinâmica familiar. A relação entre a família e a análise espacial merece destaque nos processos de mobilidade, que se destaca quando compreendemos os deslocamentos não somente na escala do desejo ou necessidade, mas nas duas pontas concomitantemente, sob aspectos amplos da sociedade e seus arranjos derivados das questões da economia e da política, em nível local e através das escalas, sendo também influenciadas por processos globais.

Dessa maneira, a primeira parte deste artigo trata das aspirações enquanto escala de análise; a segunda aborda questões sobre a família e as aspirações pela mobilidade residencial a partir de dados primários da Região Metropolitana da Grande Vitória, no Estado do Espírito Santo. Na terceira, faremos uma discussão a partir da família e das aspirações por mobilidade residencial.

Materiais e métodos

Para atingir os objetivos aqui propostos serão utilizados dados primários da pesquisa “Dinâmica demográfica familiar e padrão migratório em grandes aglomerações urbanas” (CAPES/SNF), que coletou dados na Região Metropolitana da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo, Brasil. Foram selecionados setores censitários considerando, ao mesmo tempo, a intensidade de migrantes intrametropolitanos segundo os microdados do Censo Demográfico de 2010 e a proximidade com importantes áreas de expansão urbana em nível regional, analisadas a partir de imagens de satélite entre os anos 2010 e 2020.

A coleta foi realizada em 2022, através de amostragem domiciliar aleatória e abrangeu 300 domicílios, em setores censitários de seis localidades distintas, todas socialmente periféricas. No total foram entrevistadas 1384 pessoas.

Nessa pesquisa contemplou-se a caracterização familiar, com informações sobre a ocupação, a renda, o arranjo domiciliar e o local de trabalho. Foram captadas também

informações sociodemográficas do responsável, tais como escolaridade, estado conjugal, tempo de união e a condição de ocupação do domicílio.

A primeira parte do questionário foi constituída com uma estrutura de *survey*, com perguntas fechadas. A segunda trata diretamente da mobilidade residencial das famílias, por meio da reconstituição da trajetória residencial do arranjo domiciliar com perguntas abertas e fechadas, captando a origem, o destino e os motivos dos deslocamentos desde a formação do atual grupo familiar do responsável pelo domicílio, bem como as aspirações por mobilidade residencial.

A tipologia das motivações da mobilidade residencial baseou-se no debate proposto por Shapira, Gayle e Graham (2019), a partir de dados longitudinais do Reino Unido. Usamos como base as quatro grandes categorias de motivação da mobilidade residencial, ou seja, motivos (1) residenciais; (2) familiares; (3) ambientais e de ciclo de vida; e (4) laborais. Dentro destas, elencamos subcategorias coerentes com a realidade brasileira, principalmente relacionado à mobilidade residencial, a partir da bibliografia especializada (MÓDENES, 2008; DOTA, 2015; CUNHA, 2016; 2018).

Sobre as aspirações por mobilidade residencial, foram adaptadas duas questões a partir das proposições de Carling e Mjelva (2021): “Pretende se mudar deste domicílio nos próximos 12 meses?”; “Pretende se mudar deste domicílio nos próximos 5 anos?”. As perguntas foram feitas em sequência. Caso a resposta fosse positiva para 12 meses, coletava-se o destino e os motivos. Caso fosse negativa, perguntava-se se havia pretensão para 5 anos, seguindo a mesma lógica.

Importante destacar que nesse formato ou há aspiração para 12 meses ou para 5 anos, não podendo o mesmo responsável pelo domicílio responder positivamente nas duas. Caso a resposta fosse negativa para as pretensões, coletava-se então, através de pergunta aberta, qual o motivo para não querer se deslocar para outro domicílio.

O desejo e as aspirações por mobilidade residencial compreendem as mudanças e relações espaciais e temporais, que aportam relações sociais e políticas públicas nas localidades em que elas habitam. Captar em um intervalo suficientemente próximo e outro de médio prazo permite analisar quais os fatores ocasionam o desejo da mobilidade residencial, e quais fatores contribuem na determinação dos possíveis destinos. A intenção, contudo, pode nunca se materializar como um movimento residencial, não sendo, portanto, um indicador de mobilidade futura, mas sim de perspectivas atuais frente à trajetória residencial passada e os elementos estruturais e conjunturais da vida familiar contemporânea.

Sobre a aspiração e a mobilidade espacial das famílias

É importante aqui situar o que significa aspiração, trata-se da ideia de aspirar que envolve projetar um desejo ou uma necessidade. O futuro e o presente estão ligados às decisões e às aspirações, que podem ou não promover rupturas na construção e relações familiares. Para Aslany et al. (2021) a aspiração de migrar situa-se na perspectiva da agência enquanto precedente da estrutura, como em Giddens (2000). Implica entendermos

que toda ação e toda ideia de ação é o pontapé para as mudanças e rupturas espaciais e temporais.

Isso quer dizer que o movimento de pessoas vai além das noções separadas de agência e estrutura (GIDDENS, 2000) e que as aspirações e desejos de migrar promovem novos arranjos de compreensão da situação atual, que atravessa a relação com o trabalho, com o lugar de moradia, com as relações familiares e de vizinhança, em função das possibilidades de mobilidades residencial. Elas se complementam aos processos plurais e à consolidação de múltiplas escalas que os migrantes promovem na mobilidade e na permanência (MARTINS, 2019).

Para Carling e Colins (2018), existe uma série de fatores que levam as pessoas a migrar, e entender a complexidade e multiplicidade desses processos ainda é um desafio que muitas vezes as perspectivas teóricas não integram à gama da pluralidade das análises migratórias (DE HASS, 2010). Compreender o contexto político e social também é importante, sem perder de vista que as trajetórias migratórias não podem ser interpretadas exclusivamente como encadeamentos lógicos, mas também como rupturas e divergências construídas no passado, no presente e no potencial futuro.

Conforme os autores, as teorias migratórias precisam dar conta dos múltiplos componentes da migração, envolvendo geografias imaginativas, emoções, relações sociais, relações de poder ligadas aos grupos e suas espacialidades, os imperativos para a qualidade de vida, dentre outros (CARLING; COLINS: 2018).

De maneira específica, a aspiração deve ser pensada além da habilidade/inabilidade de concretizar a mobilidade. Ela é um posicionamento frente às mudanças em várias escalas de projeção e decisão na mobilidade – interna, internacional, residencial, coletiva ou individual. No que concerne à família, essa complexidade é ainda maior e de possui uma dificuldade por encarar várias questões na superfície, no aparente da intimidade e das relações familiares. Aslany et al. (2021) apontam que os aspectos que levam às aspirações individuais – ditas como subjetivas – são de caráter relacional, já que suas motivações são influenciadas pela família e por membros familiares que os estimulam. Portanto, os estímulos para as mudanças a partir das famílias também motivam uma mutualidade nas próprias relações.

Nos interessa aqui entender as diversas escalas das relações familiares e suas implicações na aspiração e decisão de mudar de residência, pensando sob a ótica das famílias brasileiras. Uma análise das espacialidades familiares no país pela geografia é ainda pouco estudada (MARTINS, 2022), ainda que com contribuições relevantes nas ciências humanas como em Cunha (2018), Becceneri, Brusse e Aparicio (2021) e Aparicio e Farias (2019).

Ao tratarem das aspirações na migração internacional, Carling e Schewel (2017) apontam uma diferença fundamental entre a aspiração a habilidade por migrar, e que precisamos analisar aspectos diversos sem corroborar preceitos “universais”. Os autores exemplificam que um jovem britânico pode ter muito mais recursos para migrar que um moçambicano, mas a decisão de migrar do primeiro e sua habilidade envolvem uma

escolha mais radical que o caso do segundo, que possui um projeto intergeracional e social na migração.

Czaika e Vothknecht (2014) contribuem com o debate falando das janelas de aspiração, espaços de oportunidade, e trazem a qualidade de vida e a ascensão social de maneira paulatina. Segundo os autores, as variáveis sociais são determinantes, e o nível da aspiração encontra-se ligado também à trajetória migratória dos indivíduos. Jung e Jung (2019) apontam o caso das aspirações cosmopolitas, isto é, o desejo pela mobilidade a partir de uma experiência multiterritorial global. Aslany et al. (2021) compreendem que uma pesquisa e um instrumento de abordagem requerem mais que suporem os desejos das famílias, mas o conjunto de variáveis postos pelo contexto de análise local.

Não obstante as diferenças para a migração interna, sobretudo para o contexto familiar, mais complexo por essência, as aspirações das famílias tornam-se centrais para traçarmos as espacialidades no processo de trânsito e efetivação da mobilidade. Além disso, as especificidades das famílias brasileiras nas periferias urbanas e suas motivações para a mobilidade residencial, os objetos e as realidades, impõem outros elementos a serem considerados, principalmente relacionados às carências, tanto materiais como imateriais de perspectivas e pontos de partida para as aspirações. A compreensão das camadas de tempo dessa mobilidade é fundamental para vislumbrarmos o conjunto destas nas realidades socioespaciais.

O trabalho de Carling e Collins (2018) esclarece melhor a relação das aspirações com a mobilidade: primeiro porque enfatizam que aspirações e desejos são sinônimos e orientam, enquanto metodologia, nas direções das mobilidades. Segundo os autores, as decisões são reflexos das aspirações. Isso difere da escola francesa estruturalista, que vê desejo e aspiração como processos distintos. Tais decisões integram o conjunto de mudanças e indicações geracionais das famílias, mas não é necessariamente uma aposta – o que a teoria da escolha racional compreende – e não é um encadeamento lógico-matemático. Existe aí uma complexidade de fatores interligados.

Terceiro e último argumento: as aspirações nascem das decisões, que geram novas decisões e assim por diante. É o conjunto de decisões que afetam o poder de escolha. Tais eventos não seguem uma lógica coerente, mas uma complexidade múltipla de relações e fenômenos.

Trajetória de mobilidade residencial e as aspirações

A análise das aspirações por mobilidade residencial demanda compreender o contexto de vida das pessoas, ou seja, olhar o presente considerando os aspectos históricos e a perspectiva de transformações, integrantes da vida cotidiana. Os resultados apontam para uma tendência a não ter aspirações pela mobilidade residencial, isto é, a maioria dos responsáveis pelo domicílio revelou que não tinham pretensão de se mudar. Das 300 famílias entrevistadas, apenas 28,3% (85) afirmaram ter aspiração em 12 meses ou 5 anos.

Do ponto de vista histórico, o elemento central que estamos considerando é a trajetória de mobilidade residencial da família. A trajetória, *per se*, constitui-se de

momentos de ruptura com lugares, pessoas, instituições, equipamentos etc. Da mesma maneira, em cada movimento a própria família está em modificação, com uniões sendo formadas ou desfeitas, filhos nascendo ou saindo de casa, ou ainda o apoio e cuidado de outros parentes. Como pontua Shapira, Gayle e Graham (2019), os movimentos migratórios são eventos estressantes para a dinâmica familiar, com impactos diversos que incidem inclusive em instabilidade nas uniões.

Na Figura 1 observamos que apenas 12,7% das famílias não fizeram movimentos, ou seja, teve sua formação no domicílio de residência atual. Outros 29,7% fizeram o último movimento há mais de 20 anos e as categorias “até 3 anos”, “de 4 a 9 anos” e de “10 a 19 anos” apresentaram aproximadamente 20% cada uma.

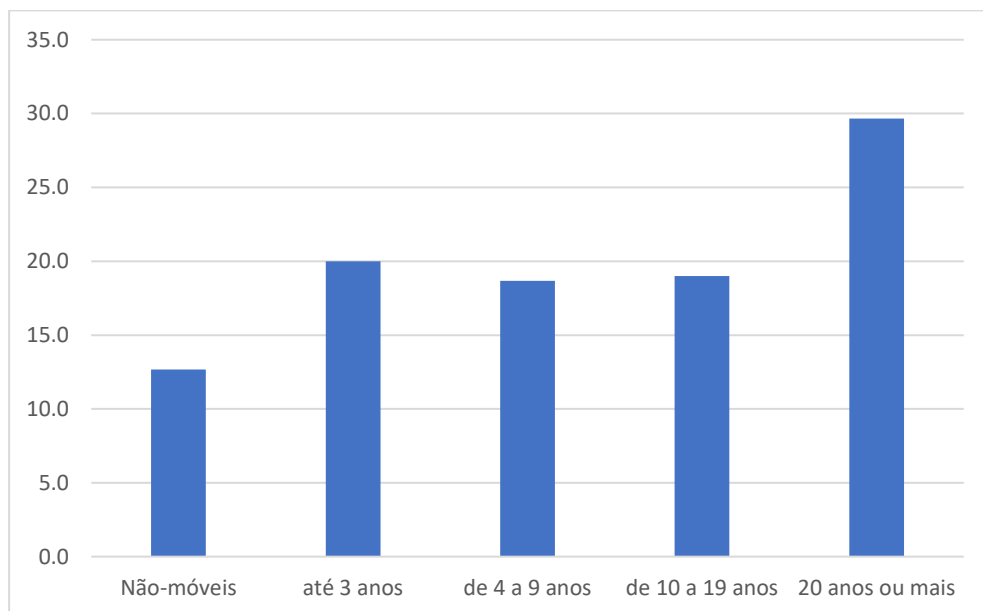


Figura 1: Proporção dos responsáveis segundo o tempo desde a última troca de residência. Bairros selecionados da RMGV, 2022.

Fonte: Pesquisa MigraFamília. Tabulações especiais Lagedep/UFES.

O período desde o último deslocamento é importante, pois ter feito movimentos anteriores é um dos fatores constituintes na base da existência das aspirações (CZAIKA; VOTHKNECHT, 2014).

Na Figura 2, a casa própria aparece como fator preponderante para o último deslocamento. Essa relação entre a mobilidade residencial e a aquisição da casa própria se mostra como o motivo mais importante para os responsáveis em todas as faixas, exceto os maiores de 65 anos.

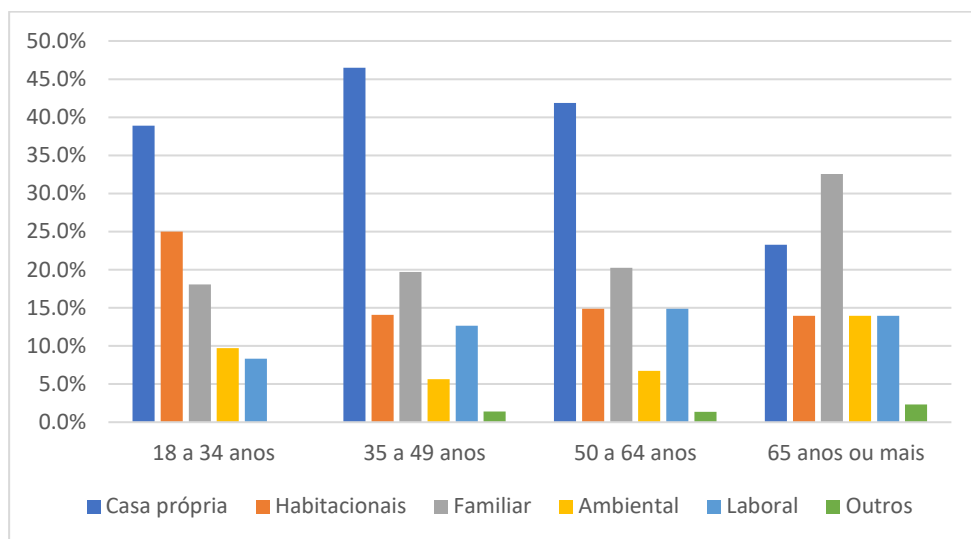


Figura 2: Motivo principal do último deslocamento (%) segundo a idade atual do responsável pelo domicílio. Bairros selecionados da RMGV, 2022.

Fonte: Pesquisa MigraFamília. Tabulações especiais Lagedep/UFES.

Destaca-se a redução gradativa dos motivos habitacionais conforme aumenta a idade, a intensa variação dos motivos laborais, importantes inclusive entre os maiores de 65 anos e a força dos motivos familiares, apontadas pelos mais jovens como motivo por aproximadamente 20% dos motivos principais, alcançando a predominância entre os mais velhos (65 anos ou mais) com 32,6%.

Considerando que os movimentos pelo espaço, como a migração e a mobilidade residencial, apresentam uma forte ligação com a idade e pelos eventos no curso de vida (BERNARD; BELL; CHARLES-EDWARD, 2014), é possível interpretar os resultados apresentados justamente como provenientes do período de vida em que as famílias se encontram, seja de formação, consolidação ou extinção, e os diferentes eventos relacionados.

Nesse interim, seria de se esperar que os mais jovens apresentassem maior aspiração por mobilidade residencial, justamente pelos eventos nesse período - como formação da família, nascimento de filhos, término do maior nível de escolarização - e o fato de que as famílias mais jovens estão em processo de consolidação material e imaterial, e suas aspirações envolvem as expectativas por segurança e estabilidade, sendo inclusive um elemento chave nas análises em geografia da família (MARTINS, 2022).

Entretanto, os dados apresentados na Figura 3 não confirmam essa expectativa: a diferença daqueles que aspiram pela mobilidade em 12 meses ou 5 anos (60 meses) apresenta pouca diferença na comparação entre os grupos etários (p -valor=0,147 para 12 meses e 0,480 para 5 anos).

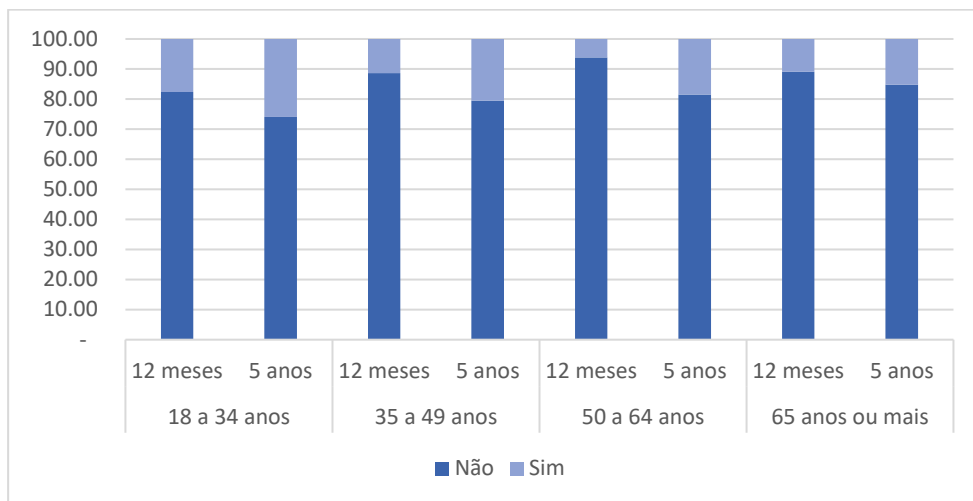


Figura 3: Aspiração por mobilidade residencial em 12 meses ou 5 anos (%) segundo a idade do responsável pelo domicílio. Bairros selecionados da RMGV, 2022.

Fonte: Pesquisa MigraFamília. Tabulações especiais LageDep/UFES.

Apesar dos mais jovens apresentarem um pouco mais de aspiração, a diferença não é significativa, seguindo um mesmo padrão de ser maior em 5 anos do que em 12 meses para todos os grupos etários, e menor para os maiores de 65 anos em relação aos mais jovens.

A aspiração pela mobilidade residencial, ao ser condicionada por inúmeros elementos que compõe a vida das pessoas e famílias, interage especialmente com questões da segurança e estabilidade da vida nas cidades. A condição de ocupação do domicílio, ou seja, se o mesmo é próprio, alugado ou cedido ganha destaque, sobretudo considerando a intensa motivação no último movimento para aquisição da casa própria e outros motivos habitacionais (Cf. Figura 2). A aquisição da casa própria é apontada como importante elemento para a redução da mobilidade (ROSEMAN, 1971; DOTA, 2015), e as questões habitacionais e do mercado de terras aparecem dentre os principais fatores para mobilidade residencial nas grandes aglomerações urbanas (MÓDENES, 2008; CUNHA, 2018).

Na Figura 4, os dados confirmam essa relação: entre os que se declararam proprietários do domicílio que estavam residindo, apenas 8,7% e 18,6% apresentaram aspiração por mobilidade residencial em 12 meses ou até 5 anos, respectivamente.

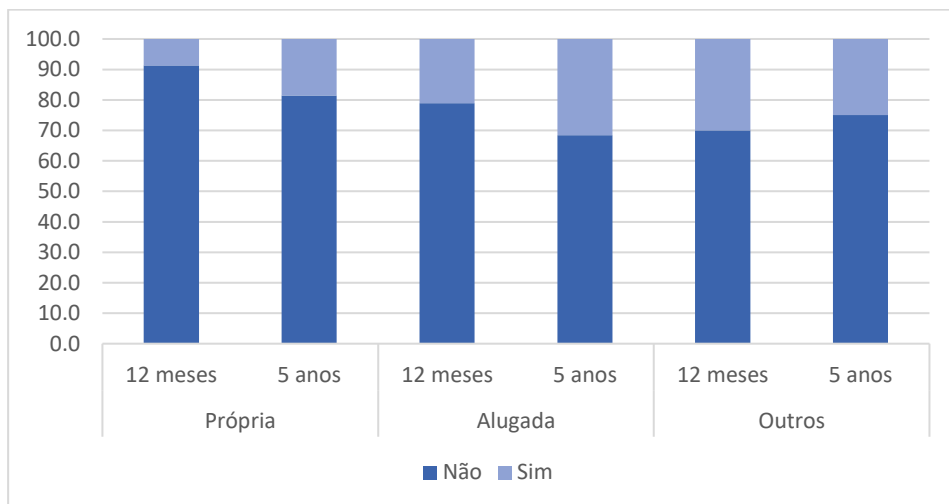


Figura 4: Aspiração por migração em 12 meses ou 5 anos (%) segundo a condição de ocupação do domicílio. Bairros selecionados da RMGV, 2022.

Fonte: Pesquisa MigraFamília. Tabulações especiais Lagedep/UFES.

Cabe salientar, contudo, que as diferenças observadas entre a condição de ocupação e a aspiração por mobilidade residencial é significativa para 12 meses (p -valor=0,003), ou seja, estar em um domicílio próprio, alugado ou cedido possui relação com a proporção de responsáveis pelo domicílio, que indicaram ter aspiração pela mobilidade residencial.

As especificidades das áreas urbanas brasileiras, seus níveis de desigualdade e as perspectivas de melhora podem ser apontadas como fator explicativo das aspirações por mobilidade residencial, sobretudo quando identificamos que a afeição pelo lugar é apontada como principal fator para a não aspiração. Foi, assim, possível apreender que essa afeição é indicada pela valorização e aumento de serviços - principalmente os informais, ligados à assistência de entidades políticas e religiosas existentes nessas localidades.

A aspiração por mobilidade residencial e as variáveis explicativas

Na presente seção analisamos a relação entre a aspiração por mobilidade residencial futura e as variáveis apontadas como relevantes nos estudos das aspirações (CARLING, 2002; CZAIKA; VOTHKNECHT, 2014), assim como naqueles de mobilidade residencial (MÓDENES, 2008; CUNHA, 2018).

A perspectiva de construção do modelo, portanto, parte do pressuposto de que através das características dos responsáveis pelo domicílio que aspiram e os que não aspiram por futura mobilidade residencial é possível fazer associações sobre os processos que explicam a existência desse fenômeno. Essa perspectiva está assentada numa visão de

que ela está intimamente atrelada às condições de vida e as perspectivas futuras, sobretudo num contexto periférico como o aqui debatido.

Aqui empregamos o modelo de regressão logística binária, que tem sido usado em análises migratórias e das aspirações pela capacidade de produzir estimativas dos coeficientes de regressão que representam o efeito das variáveis independentes na probabilidade de o evento ocorrer (HAIR et al., 2009). Utiliza, portanto, a função logística para modelar a relação entre as variáveis independentes e a variável dependente.

O modelo desenvolvido tem como variável dependente binária ter ou não aspiração por mobilidade residencial, sendo a não-aspiração a categoria de referência. Para composição da variável, foi diferenciado os que não tinham aspiração daqueles que a tinham para 12 meses ou 5 anos, analisando-os conjuntamente.

As variáveis independentes e suas categorias são as seguintes: idade em anos (18 a 34; 35 a 49; 50 a 64; 65 ou mais), arranjo domiciliar (casais com filhos; casais sem filhos; monoparentais; unipessoais; estendidos ou compostos); escolaridade (até ensino fundamental; ensino médio ou mais); se estava trabalhando na data da pesquisa; raça/cor (pardos; brancos; pretos); condição de ocupação do domicílio (próprio; alugado; outro); se e quando havia ocorrido a última mobilidade residencial (não-móveis; até 3 anos, de 4 a 9 anos; de 10 a 19 anos; mais de 20 anos).

Foram realizadas análises estatísticas descritivas para as variáveis categóricas (Tabela 1) pelo teste qui-quadrado de Pearson, considerando-as em relação às variáveis dependentes do modelo. Chamou atenção, nesta etapa, que apenas a escolaridade e a condição de ocupação dos domicílios apresentaram resultados significativos no teste qui-quadrado de Pearson, um indicativo de que a diferença dos valores nas categorias das variáveis independentes não é grande o suficiente para ser considerada significativa em relação às categorias da dependente.

Tabela 1: Proporção das categorias das variáveis independentes segundo a existência ou não de aspiração por mobilidade residencial. Bairros selecionados da RMGV, 2022.

Variáveis	Não aspira	Aspira	p-valor
Idade			
18 a 34	24,7	37,6	0,142
35 a 49	30,2	27,1	
50 a 64	29,3	21,2	
65 ou mais	15,8	14,1	
Escolaridade			
Até ensino fundamental	66,5	54,1	0,045
Ensino médio ou mais	33,5	45,9	

Variáveis	Não aspira	Aspira	p-valor
Raça/cor			
Pardos	60,9	56,5	0,185
Branços	14,4	9,4	
Pretos	24,7	34,1	
Arranjo domiciliar			
Casais com filhos	38,6	36,5	0,978
Casais sem filhos	14,0	12,9	
Monoparental	13,0	15,3	
Unipessoal	12,6	11,8	
Estendido/composto	21,9	23,5	
Estava ocupado			
Não	48,4	42,4	0,346
Sim	51,6	57,6	
Condição de ocupação do domicílio			
Próprio	85,1	69,4	0,008
Alugado	9,5	20,0	
Outros	5,1	10,6	
Migrante segundo o tempo do último deslocamento			
Não-móveis	14,9	7,1	0,369
até 3 anos	19,1	22,4	
de 4 a 9 anos	17,2	22,4	
de 10 a 19 anos	18,6	20,0	
20 anos ou mais	30,2	28,1	

Fonte: Pesquisa MigraFamília. Tabulações especiais Lagedep/UFES.

Na sequência, foram calculadas as razões de chance (*odds ratios* – OR) brutas e ajustadas através do modelo de regressão logística, e calculados os intervalos de confiança de 95%. Para garantir a qualidade do modelo final, foram incluídas apenas as variáveis com significância até 20%, com o nível de 5% adotado como parâmetro mínimo.

Os resultados, na Tabela 2, reforçam as primeiras leituras da tabela de contingência apresentada (Tabela 1). Apenas as variáveis escolaridade e condição de ocupação cumpriram os critérios mínimos para entrar no modelo, apontando que o

contexto de homogeneidade das periferias metropolitanas relativiza o papel de variáveis importantes como a idade, a raça/cor e o fato de ter feito mobilidade residencial anterior.

Tabela 2: Resultado do modelo de regressão logística binária para existência da aspiração.

Variáveis	Razão de chance (OR)	IC (95%)	p-valor
Escolaridade			
Até ensino fundamental (ref.)	1,00		
Ensino médio ou mais	1,786	(1,057-3,018)	0,030
Condição de ocupação do domicílio			
Próprio (ref.)	1,00		
Alugado	2,694	(1,319-5,503)	0,007
Outros	2,551	(0,999-6,518)	0,050
Constant	0,253		0,000
R ²	0,045		

Fonte: Pesquisa MigraFamília. Tabulações especiais Lagedep/UFES.

Os dados do modelo apontam que os responsáveis pelo domicílio com ensino médio, ou maior escolaridade (graduação ou pós-graduação), tinham 78,6% mais chance de terem aspiração por mobilidade residencial do que aqueles com até ensino fundamental (p-valor=0,030). Da mesma forma, residir em domicílios alugados ou em outras condições (cedidos, emprestados) aumentavam a chance da existência da aspiração em 2,6 e 2,5 vezes, respectivamente (p-valor=0,007 e 0,050), em relação aos responsáveis que residiam em domicílios próprios.

A condição de ocupação do domicílio, com destaque para a propriedade do mesmo, se coloca como uma estratégia em sua relação com a mobilidade residencial, sobretudo pela necessidade de manter uma renda mínima para consumo direto (alimentação e assistência básica das famílias). Portanto, a maior chance de aspiração dentre os que não estão em casa própria está ligado ao custo, que afeta os gastos líquidos e o deslocamento até o trabalho, assim como outras atividades exercidas pelas famílias. Além disso, deve-se levar em consideração o espectro social e o valor que a casa como bem imóvel possui culturalmente para a população brasileira, isto é, a casa como capital físico.

Analisar esses dados, contudo, exige também considerar o período da coleta como decisivo para as interpretações. O ano de 2022 marca o arrefecimento da pandemia, mas ainda um período de alto desemprego, aumento da pobreza, diminuição do acesso a políticas de moradia e intensa divisão social devido a polarização política, ainda mais forte no ano da eleição presencial.

Esse contexto pode ter sido decisivo na relativização de variáveis como a idade e a raça/cor, historicamente centrais para as desigualdades e suas reverberações nas periferias brasileiras.

Outro fator importante é o conjunto de especificidades no arranjo domiciliar brasileiro, principalmente nas periferias. A busca pela qualidade de vida está muito atrelada à casa própria – seja ocupação não regulamentada, inclusão em programas de habitação, dentre outros - não só como bem material, mas também como ascensão social e financeira, promovida com maior afinco no século XXI.

Considerações finais

As desigualdades e as condições das periferias nas cidades brasileiras são amplamente conhecidas, contudo as transformações das últimas décadas foram intensas, trazendo novos elementos ao debate.

O alto crescimento populacional nessas aglomerações parece ter terminado. A dinâmica endógena, contudo, é efervescente, e a mobilidade residencial, como estratégia, é fenômeno central para pensar a vida das famílias, de um lado, e a própria reestruturação urbana, por outro.

Assim, concluir-se que as aspirações por mobilidade residencial, num contexto em que muitos dos respondentes vivem em ocupações em processo de regularização ou irregulares, reforça o sentido de aspiração enquanto espacialidade, influenciado por arranjos espaciais. Não estabelecer, portanto, um padrão para o significado de casa própria reforça o significado de pertencimento indicado pelo entrevistado, e mesmo assim essa variável se destaca.

O maior nível de aspiração em 5 anos do que em 12 meses, assim como a associação da escolaridade e da condição de ocupação do domicílio revela que a aspiração por mobilidade residencial, no contexto urbano periférico brasileiro, é o desejo de melhoria da qualidade de vida. A aspiração, portanto, seria um planejamento, ao menos no nível das ideias, de uma decisão por mobilidade espacial que pode ou não ocorrer, visando qualidade de vida e promoção social, resultado semelhante ao de Czaika e Vothknecht (2014) para a migração interna na Indonésia.

Nesse contexto a mobilidade residencial é um meio para a mobilidade social, já que em grande medida a qualidade de vida está diretamente atrelada ao local em que se vive e suas relações com o entorno. Tal entendimento dialoga com Carling (2002), que defende que não são fatores matemáticos que projetam o sucesso das mobilidades, e sim as complexidades subjetivas e coletivas ligadas às famílias e aos lugares.

Ainda em Carling (2002) e Carling e Schewel (2019), é necessário entender a involuntariedade do não aspirar, ou não desejar, quando inseridas em um contexto de vulnerabilidade, claramente observados na pesquisa aqui relatada. Esse processo interfere no poder de habilidade da migração e no ato da mobilidade em si.

O fato de importantes variáveis não terem entrado no modelo indica a sua baixa influência para o fenômeno, mesmo que se saiba que, no sentido prático, são importantes e condicionam as decisões. Não há dúvidas, nesse sentido, que as características sociodemográficas e as expectativas e aspirações em relação à mobilidade residencial estão atreladas, e os resultados merecem aprofundamentos para a compreensão dos novos contextos sociais frente às mudanças demográficas nas periferias brasileiras.

A análise das aspirações por mobilidade residencial, apesar de se diferenciar da forma tradicional de olhar a migração, visa complementar e enriquecer a reflexão partindo de outro foco de análise do fenômeno, quando ainda está em gestação de ideias, necessidades e desejos, permitindo compreender, de maneira diferenciada, o papel e a atuação dos fenômenos clássicos que condicionam os movimentos migratórios.

Por fim, também, faz-se necessário um aprofundamento na escala local-nacional e no olhar geográfico para tais fenômenos, inseridos em dinâmicas específicas da mobilidade residencial para formular políticas sociais e analisar detalhadamente as periferias brasileiras sob a ótica das aspirações.

Referências

- APARICIO, C. A. P.; FARIAS, L. A. C. A geografia das famílias nas metrópoles brasileiras nos anos 2000. *Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana-XVI SIMPURB*, v. 1, p. 450-466, 2019.
- ASLANY, M.; CARLING, J.; MJELVA, M. B.; SOMMERFELT, T. *Systematic review of determinants of migration aspirations*. QuantMig Project Deliverable D2.2. Southampton: University of Southampton, 2021.
- BAILEY, A. Population geography: lifecourse matters. *Progress in Human Geography*, v. 33 n.3, p. 407-418, 2009.
- BECCENERI, L. B.; BRUSSE, G. P. L. APARICIO, C. A. P. Uma análise espacial dos arranjos domiciliares da Região Metropolitana de São Paulo (1991-2010). *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 38, 2021.
- BERNARD, A.; BELL, M.; CHARLES-EDWARDS, E. Life-course transitions and the age profile of internal migration. *Population and Development Review*, v. 40, n. 2, p. 213-239, 2014.
- BRITO, F. As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios recentes. In: *Anais do VI Encontro Nacional sobre Migrações*. Campinas: ABEP, 2009.
- CARLING, J. Migration in the age of involuntary immobility: Theoretical reflections and Cape Verdean experiences, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 28:1, p. 5-42, 2002.
- CARLING, J.; COLLINS, F. Aspiration, desire and drivers of migration. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. V. 44, n. 6, p. 909-926, 2018.

- CARLING, J.; MJELVA, M. B. *Survey instruments and survey data on migration aspirations*. QuantMig Project Deliverable D2.1. Southampton: University of Southampton, 2021.
- CARLING, J.; SCHEWEL, K. Revisiting aspiration and ability in international migration, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 44, N. 6, P. 945-963, 2019.
- CUNHA, J. M. P.; BAENINGER, R. Lãs migraciones internas em el Brasil Comtemporáneo. *Notas de Población*, CEPAL/CELADE, Año XXXII, n. 82, 2007.
- CUNHA, J. M. P. (Ed.). *Dinâmica demográfica e socioespacial no Brasil Metropolitano: convergências e especificidades regionais*. EdUFSCar, 2018.
- CZAIKA, M.; VOTHKNECHT, M. Migration and aspirations: are migrants trapped on a hedonic treadmill? *IZA Journal of migration*. V. 1, n. 3, p. 1-21, 2014.
- DE HAAS, H. Migration and development: a theoretical perspective. *International migration review*. V. 44, n. 1, p. 227-264, 2010.
- DOTA, E. M. *Mobilidade residencial intrametropolitana na RM de Campinas: uma abordagem a partir da distribuição espacial dos migrantes*. Tese de doutorado. UNICAMP, 221f, 2015.
- DOTA, E. M.; QUEIROZ, S. N. Migração interna em tempos de crise no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 21, n. 2, p. 415-430, 2019.
- GIDDENS, A. *Dualidade da estrutura: agência e estrutura*. Celta Editora: Oeiras, 2000.
- HAIR, J. H. *Multivariate Data Analysis*, Prentice-Hall, Upper Saddle River, NJ, 2009.
- JUNG K; JUNG, Y. M. Neoliberal Migration Regime, Escape from ‘Hell Joseon’ and the Pursuit of Cosmopolitan Aspiration: An Overview of Temporary Migration from South Korea to Australia. *International Review of Korean Studies*. Vol 16, No.1, p. 41-68, 2019.
- MARTINS, I. M. M. Geografia da família, aspectos teóricos e abordagens qualitativas: uma introdução. *Geografares*, [S. l.], v. 1, n. 34, p. 94–111, 2022. DOI: 10.47456/geo.v1i34.38506. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/38506>. Acesso em: 21 set. 2022.
- MARTINS, I. M. M. *Por uma geografia das migrações: estratégias de mobilidade e permanência em migrantes haitianos*. Letra Capital: Rio de Janeiro, 2019.
- MÓDENES, J. A. Movilidad espacial, habitantes y lugares: retos conceptuales y metodológicos para la geodemografía. *Estudios geográficos*, v. 69, n. 264, p. 157-178, 2008.
- ROSEMAN, C. C. Migration as a spatial and temporal process. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 61, N. 3, 1971.
- SHAPIRA, M.; GAYLE, V.; GRAHAM, E. Moving on and moving out: The implications of socio-spatial mobility for union stability. *Population, Space and Place*, v. 25, n. 2, p. e2180, 2019.

Este artigo é resultado do projeto “Dinâmica demográfica familiar e padrão migratório no Brasil: transformações desde os anos 1990” (CAPES/SNF) e “Mobilidade residencial, família e desigualdades no espaço intraurbano” (CNPq). As opiniões, hipóteses e conclusões são responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da CAPES e do CNPq.

Ednelson Mariano Dota

Mestre e Doutor em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas; Bacharel e Licenciado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisador CNPq.

LAGEDEP - CCHN - Prédio Luisa da Silva Lopes, sala 314. Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória, Espírito Santo.

E-mail: ednelson.dota@ufes.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8726-0424>

Isis do Mar Marques Martins

Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Geografia na Universidade Federal Fluminense, e Bacharel e Licenciada em Geografia. Foi pesquisadora de pós-doutorado na Universidade Federal do Espírito Santo e está atualmente em pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Av. Dr. Presidente Vargas – Santarém, Pará.

E-mail: isis.marinha@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3118-4124>

Recebido para publicação em abril de 2023.
Aprovado para publicação em outubro de 2023.